



IMPrensa
OFICIAL/ES

DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano III - nº 22

Vitória-ES

Junho de 2014

Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



Histórias do Futebol Capixaba

Página 4

MENU

Erlon José Paschoal
erlonpaschoal@uol.com.br



Erlon José Paschoal
Diretor Geral da FAMES

Domingos Martins é uma cidade que ocupa uma posição de destaque na diversidade e na produção cultural do Espírito Santo. A localização privilegiada, a formação étnica e as belezas naturais que envolvem o pequeno aglomerado urbano em uma das regiões montanhosas mais visitadas do Espírito Santo, propiciaram a Domingos Martins as condições ideais para se tornar uma cidade, cuja estratégia maior de desenvolvimento fosse a atividade cultural.

Neste contexto a cidade abriga um dos festivais mais importantes do Estado e do país, o Festival de Música que acontece há 20 anos, durante a segunda metade do mês de julho. Pode-se agregar a Domingos Martins o conceito elaborado por inúmeros estudiosos de “cidade criativa”, na qual a cultura tenha se tornado um ativo de grande relevância, seja por seus benefícios sociais, seja por seus impactos econômicos benéficos. A sua gastronomia de origem pomerana combinada com seu patrimônio arquitetônico e natural contribuem para proporcionar ao visitante uma vivência diferenciada, em meio a apresentações musicais criteriosamente selecionadas.

O Festival Internacional de Inverno de Domingos se caracteriza, sobretudo, pelo incentivo à prática da música instrumental, pelo intercâmbio entre músicos de procedências diversas e pelos aprimoramentos técnicos, através de oficinas com professores de renome nacional e internacional. Neste ano serão 32 oficinas distribuídas em Domingos Martins, - incluindo aí Pedra Azul, Parajú e Melgaço -, Venda Nova do Imigrante e Marechal Floriano, estimulando o contato com a natu-

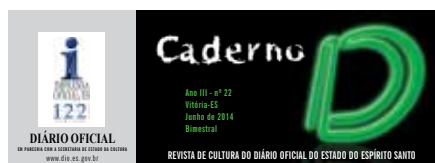
reza exuberante e aprazível destes locais e a convivência enriquecedora e saudável com a música de qualidade.

A 21ª versão deste grande evento da música no Espírito Santo acontece de 18 a 27 de julho, com uma programação diária ampla, de alta qualidade musical e com artistas renomados de várias procedências, proporcionando ao público uma experiência única, numa das regiões mais belas do Espírito Santo.



A Secretaria de Estado da Cultura e o Arquivo Público lançaram recentemente sete livros sobre aspectos importantes da História do Espírito Santo. Tive o prazer de traduzir a obra do pastor luterano Hugo Wermick “Viagem pelas Colônias Alemãs do Espírito Santo” que, com uma linguagem simples e direta, relata aspectos significativos da vida e do comportamento de imigrantes alemães, oriundos da antiga Pomerânia, após uma longa travessia de navio feita em 1905, em direção às montanhas capixabas e em busca de uma vida melhor nos trópicos brasileiros. A grande quantidade de fotografias que acompanham a narrativa - 77 no total -, auxiliam o leitor a compor uma imagem mais próxima deste passado tão recente.

As observações minuciosas e nem sempre desprovidas de preconceitos do autor, relativas ao cotidiano de várias comunidades alemãs, às paisagens exuberantes e ao modus vivendi desta região do Brasil na época, são um documento valioso para todos aqueles que se interessam pela História do Espírito Santo.



GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

PABLO RODNITZKY
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

DIO

MIRIAN SCÁRDUA
Diretora Presidente

SAMIRA MASRUHA BORTOLINI KILL
Diretora Administrativa-Financeira

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

MAURÍCIO SILVA
Secretário de Estado da Cultura

JOELSON HUMBERTO FERNANDES
Subsecretário de Estado da Cultura

RITA DE CÁSSIA SARMENTO COSTA
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Produção de matérias

Gilberto Medeiros

Revisão

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Impresso na Gráfica do DIO

Este Caderno pode ser acessado
nos sites www.dio.es.gov.br
e www.secult.es.gov.br



Uma década de *música* na bandeja

Na tarde de uma terça-feira de junho, Patrick Borges está no estúdio da Rádio Universitária, sediada na Ufes, rodeado de equipamentos, como mesa de som e microfones. “Pra quem se lembra do Game Fifa 98, não poderia faltar o Blur com Song 2”, anuncia Patrick, ao vivo, a música da banda inglesa Blur em um bloco sobre futebol, em referência à Copa do Mundo desse ano, que abre o programa Bandeirão 104.7.

O Bandeirão é um projeto de extensão do curso de Comunicação Social da Ufes e é veiculado de segunda-feira a sexta, entre 12h30 e 15 horas. Com Patrick, somam-se atualmente 11 estudantes e um professor orientador na equipe do programa que toca música de diferentes estilos, entrevista músicos locais e em 2014 completa 10 anos. O nome é uma referência ao Restaurante Universitário (RU).

Patrick tem 19 anos, está no terceiro período de Publicidade e Propaganda e há 10 meses apresenta o Bandeirão. “Assim que entrei na Ufes fiz uma oficina de rádio, o que me despertou interesse pelo projeto. Um tempo depois abriram vagas e eu consegui entrar pelo processo seletivo”, recorda.

Jéssika Claudino, no oitavo período de Publicidade, há 5 meses está na equipe. Faz a produção do programa, além de en-

trevistas ao vivo. “Sempre gostei de rádio e do programa, como ouvinte. Aqui eu posso experimentar, criar e fazer parte de um trabalho que é um canal de reverberação da produção musical capixaba”.

Quem também vê no programa a oportunidade de levar música do Estado a toda audiência é a estudante do terceiro período de Publicidade Duana Peixoto, 19, há 1 ano apresentando e produzindo o Bandeirão.

Duana conta que entrou hesitante no projeto. “Na época em que conheci o Bandeirão tocava-se muito rock. Mas quando entrei, a equipe que vinha se formando desconstruiu o formato e trouxemos ideias novas”, rememora. E essa é, para ela, uma das virtudes do programa. “A ideia de um programa feito por estudantes, com autonomia pra criar é muito atraente a qualquer pessoa com ideias na cabeça”.

No fim de 2009, Joyce Castello tinha 20 anos e estava no sétimo período de Jornalismo. Foi nesse período que a jovem integrou a equipe dos 5 estudantes que comandavam o Bandeirão. “Nós éramos muito motivados e cada um fazia uma playlist por semana, além de editoria diária de cultura”, lembra com saudade a ex-bandejete. “A oportunidade de estar, ao vivo, em um horário nobre de rádio, era um fato prezado por todos nós”.



Leonardo Ribeiro é formando em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo



Fotos: Arquivo Bandeirão



CAPA

Mais de 100 anos de *bo*

Poucos clubes de futebol brasileiros conseguiram alcançar a marca de seis agremiações capixabas centenárias. Fundados na década de 1910, o Alfredense (1910), o Vitória (1912), o Rio Branco (1913), o Cachoeiro (1916), o Estrela do Norte (1916) e o Santo Antônio (1919) marcaram época e fizeram a bola rolar profissionalmente em nossos gramados.

Juntos ou separados, protagonizaram histórias que não serão esquecidas, como a partida disputada pelo Santo Antônio contra o Botafogo com Garrincha, ou a vitória do Rio Branco sobre o Vasco na Primeira Divisão do Brasileirão. Ou ainda pelo Vitória, que se desfez de todos os troféus que ganhou para ajudar na Campanha do Metal, que buscava arrecadar recursos para o Brasil lutar com os Aliados II Guerra Mundial. Sem dó, todos foram derretidos para virar canhões. Confira a seguir o perfil desses clubes.



Gilberto Medeiros
é jornalista e
blogueiro



**Alfredense
Football Club**
(hoje Esporte
Clube Alfredo
Chaves)

Fundação: 15 de
Agosto de 1910.

Estádio: Carlos Soares Pinto (Estádio das Oliveiras).

Capacidade: 2.000 pessoas.

Uniforme: Camisa listrada preto e branco, calção preto e meias pretas.

Município: Alfredo Chaves

História

O Alfredense foi o primeiro time de futebol organizado do Espírito

Santo. Fundado em 15 de agosto de 1910 por Carlos Soares Pinto, em Alfredo Chaves, teve o nome alterado para Esporte Clube Alfredo Chaves em 1949.

A primeira equipe contava com: Pedro Bonacossa, Theobaldo de Oliveira Pinto, Ronaldo Boanova, Públio Bellotti, José Bosio, Resk Caroni, José Pitanga dos Santos, Carlos Soares Pinto, José Fernandes Pinto, Luiz Saudino, José Organ, Luiz Villar, Aníbal Cardoso, Ivo Roversi, Luiz Franzotti, Antônio Soares Pinto Júnior e Zeferino Casoti. À época, utilizavam vermelho e branco.



**Football Club
Victoria** (hoje
Vitória Futebol
Clube)

Fundação: 1º
de outubro de
1912.

Estádio:

Salvador Venâncio da Costa.

Capacidade: 10 mil pessoas.

Uniforme: Camisa azul, calção branco e meias azuis.

Município: Vitória

História

Inspirados pelo desempenho do Fluminense (RJ), Jair Tovar e Nelson Monteiro decidiram criar o Vitória Futebol Clube em 1º de outubro de 1912. Reuniram amigos na casa de Constâncio e Taciano Espíndula, peladeiros da rua Sete e chamaram entre outros, João Pereira Neto, João Nascimento, Armando Ayres, Graciano e Edgar dos Santos Ne-

Gilberto Medeiros

com a colaboração de Suellen Araujo

la rolando

ves, Edgard e Pedro O'Reilly de Souza.

Por conta da Campanha do Metal, que buscava arrecadar recursos para o Brasil lutar com os Aliados II Guerra Mundial, os dirigentes doaram todos os troféus ganhos pelo clube até então. Derretidos, viraram canhões.



Juventude e

Vigor (hoje Rio Branco Atlético Clube)

Fundação: 21 de Junho de 1913.

Estádio: não tem.

Uniforme: Cami-

sa listrada em preto e branco, calção branco e meias brancas.

Município: Vitória

História

O Juventude e Vigor foi fundado em 21 de Junho de 1913 em uma reunião aconteceu na casa de Nestor Ferreira Filho. Os fundadores foram Edmundo Martins, Antônio Miguez, Gervázio Pimentel, José Fiel, José Batista Pavão, Cláudio Dumas, Otávio Alves de Araújo, Hermenegildo Conde, Adriano Macedo, Antônio Gonçalves de Souza e Nestor Ferreira Filho. Já no ano seguinte, 1914, ganhou novos jogadores e nome: Rio Branco Football Club.

As mudanças continuaram e em 1917 saíram o verde e amarelo e entraram o branco e preto nos uniformes. Em 1941, passou a se chamar Rio Branco Atlético Clube.



Cachoeiro Futebol Clube

Fundação: 9 de Janeiro de 1916.

Estádio: Moreira Rebello

Capacidade: 5.000 pessoas

Uniforme: Camisa com listras verticais vermelhas e brancas, calção vermelho e meias vermelhas.

Município: Cachoeiro de Itapemirim

História

O Cachoeiro Futebol Clube foi fundado em 9 de Janeiro de 1916. Em 1948, Foi o primeiro clube do interior do Estado a conquistar o Campeonato Capixaba de Futebol, disputando a final com a equipe Vale do Rio Doce, hoje Desportiva Ferroviária. O Cachoeiro entrou no jogo com Ramon, Alcino, Zé Catraca, Paris, Manoelzinho, Otaviano, Nely, Aldemir, Assadinho, Espinho, Bronze e Catiquinha, sob o comando do técnico Eurico Monteiro de Castro.



Estrela do Norte Futebol Clube

Fundação: 16 de Janeiro de 1916

Estádio: Mário Monteiro (Sumaré).

Capacidade: 12.000 pessoas.

Uniforme: Camisa com listras verticais pretas e brancas, calção branco e meias pretas.

Município: Cachoeiro de Itapemirim

História

O Estrela do Norte Futebol Clube foi criado em 16 de Janeiro de 1916, apenas cinco dias após o Cachoeiro e desde então é o seu maior rival.

Os primeiros associados e criadores do Estrela foram Laurentino Luggon, Mário Sampaio, Orlando Nunes, Amphilófilo Braga, João Viana, Estulano Braga, Deusdedit Cruz, Fernando Reis e Francisco Penedo. E o primeiro time era formado por Pedro Tanure, Antonio Cruz, Belmiro, Adão, Barão, Dodoca, Erly, Vivi, Mine, Cezarino e Lauro.



Santo Antônio Futebol Clube

Fundação: 19 de novembro de 1919.

Estádio: Rubens Gomes.

Capacidade: 5.000

pessoas.

Uniforme: Camisa, calção e meias vermelhas.

Município: Vila Velha

História

O Santo Antônio foi fundado no dia 19 de novembro de 1919. Sua antiga sede ficava no bairro homônimo, em Vitória. A partir da construção do Estádio Rubens Gomes, em Vila Velha, erguido com doações e contribuições dos sócios e venda de cadeiras cativas, viveu anos de glória na década de 1950, quando foi tricampeão capixaba. Em 1953 ganhou o campeonato sem perder nenhum ponto disputado e sofrendo apenas dois gols.

Brilharam com o uniforme vermelho jogadores como o volante Francisco (o Chico), o atacante Ciro, o zagueiro Ilson Lima, Roberto "Rapadura", Cecê, J. Pedro, Neide, La Greca, Lola e Celso. ■

CAPA

Histórias de Moisezinho da Bola, o primeiro capixaba na Seleção Brasileira

Quando Pelé recebia elogios por seu forte cabeceio, ainda no começo de sua carreira, mas já campeão mundial, o Rei do Futebol quase desdenhava ao revelar o seu preferido: “Vocês não viram Zezinho da Bola cabecear”, dizia.

E não era à toa que Zezinho contava com a admiração de Pelé.

Nascido na Vila Rubim, Moisés Ferreira Alves, o Moisezinho da Bola já era titular do Rio Branco aos 16 anos. Mesmo estudando no internato em Muqui dirigido por Dirceu Cardoso, o clube mandava um carro buscá-lo para jogar e depois o levava de volta. Coisa de estrela.

Certa vez, o Vasco da Gama, invicto no campeonato carioca, veio jogar no estádio Governador Bley e perdeu por dois a zero para o Rio Branco. Zezinho fez os dois: um de bicicleta e outro de cabeça. Encantou os cariocas, que tentaram em vão levá-lo para São Januário.

O destino de craque foi o Botafogo, a quem o Rio Branco derrotou por 3x2, com três gols de Moisezezinho. Terminou contratado para substituir Heleno de Freitas, que havia sido negociado com o Boca Juniors, da Argentina, clube que no futuro seria

também defendido pelo capixaba.

Depois de três anos no Botafogo, jogou pelo Flamengo, Corinthians, São Paulo, Portuguesa e Boca Juniors. E foi o primeiro capixaba a integrar a Seleção Brasileira de Futebol.

Fazia uma dupla infalível com Canhotreiro, jogador que escreveu seu nome na história do futebol como um ponta-esquerda dos melhores do mundo.

Zezinho tirou do futebol tudo sua vida. E seus filhos levaram parte de seu legado adiante. José Ferreira Neto tornou-se jornalista especializado em futebol e esporte e Jorge Ferreira Alves, o Índio, repetiu o pai e tornou-se o primeiro capixaba a treinar uma Seleção Brasileira de Futebol, no caso a equipe de beach soccer, o futebol de praia. ■



Fotos: Acervo de família



Gilberto Medeiros

gilberto_medeiros@yahoo.com.br

“Nós tínhamos grandes jogadores”, recorda treinador-escritor

Acompanhando o futebol capixaba desde que todo bairro da Grande Vitória e todo município do interior era marcado por ter uma igreja, uma praça, um bar e um campo de futebol, o professor do curso de Educação Física do Centro Universitário Vila Velha (UVV), treinador escritor e Guilherme Filgueiras fala do esporte com saudosismo de um tempo em que até os temidos Boca Juniors (Argentina), Real Madri (Espanha) e a Seleção Brasileira se curvavam ao talento de nossos craques.

Filgueiras é autor do livro “Futebol: da base ao profissional”, além de possuir um arquivo com quatro mil páginas de jornais capixabas com reportagens sobre futebol, além de milhares de horas de programas esportivos gravados em fitas devidamente acondicionadas no escritório que utilizava nas dependências do ginásio de esportes da UVV.

Separando parte de seu tempo para o Caderno D enquanto corria a goleada da Alemanha sobre Portugal por 4 a 1 durante a primeira fase da Copa do Mundo de 2014. Confira a seguir um trecho da entrevista.

Quem foram os capixabas destaques do futebol?

Nós tínhamos grandes jogadores, a qualidade técnica era muito grande e para mim o maior deles foi o Zezinho da Bola. Foi um dos maiores cabeceadores do futebol brasileiro,



Foto: Gilberto Medeiros

jogou na Seleção Brasileira e até na Argentina (no Boca Juniors). Era impressionante a cabeça-dele, era como um chute! A bicicleta dele ia sempre dentro do gol. Mas ele não jogou uma Copa do Mundo.

Depois teve o Fontana, campeão mundial da Copa de 70, único capixaba campeão mundial. Era aqui de Santa Teresa, jogou no Rio Branco, Vitória, depois Vasco e Cruzeiro. Era

zagueiro e formava uma dupla de área muito forte com o Brito no Vasco da Gama e chegaram à Seleção Brasileira juntos para serem campeões mundiais.

Teve o Sávio, que jogou no Flamengo, na Seleção Brasileira e vários clubes da Europa, como antes já havia feito o Geovane, que jogou no Vasco, na Seleção e foi para a Itália. O goleiro Carlos Germano, que também foi para o Vasco e depois defendeu a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 98 como reserva.

E hoje, o Maxwell, que é de Cachoeiro e está na Copa do Mundo aqui no Brasil.

E quando começou a profissionalização do futebol no Espírito Santo?

O Alfredense foi o primeiro de todos, mas também o Vitória, já centenário, o Santo Antônio, Rio Branco, que era Juventude e Vigor. O Santo Antônio era um grande time, jogou até contra o Santos de Pelé. Mas pelo interior também tem, como o Cachoeiro e o Estrela, muito antigos, o Castelo...

E como era a estrutura do esporte?

Naquele tempo toda cidadezinha tinha uma igreja, uma praça e um campo de futebol. Então era o que bastava para aparecer os mais talentosos. Depois que os clubes começaram a investir na estrutura dos estádios, como fizeram o Rio Branco, o Vitória, o Estrela do Norte, o Cachoeiro e o Santo Antônio. ■

CAPA

Tiva e B

patrimônios do t

Lágrimas, história, rivalidade e comemorações. Para um clássico do futebol ser de primeira, a mistura desses itens é indispensável. Perguntar a qualquer capixaba que tenha idade para se recordar dos anos 70 e 80 sobre o futebol da época, é preparar-se para ouvir casos de arrepiar sobre as épicas partidas disputadas por dois gigantes estaduais: Desportiva Ferroviária e Rio Branco.



Se na sala de troféus, o Rio Branco lidera o número de títulos com 36 taças, no número de gols a Desportiva leva uma pequena vantagem: são 184 contra 180 do rival. Em 201 partidas disputadas, o número de vitórias quase dá empate – são 69 para o grená, contra 66 do time capa-preta.

Mas, qual explicação para o embate entre os dois clubes ser tão passional entre os torce-

dores? Historiadores afirmam que a disputa vem desde 1963, quando, no primeiro confronto entre as equipes, o Rio Branco conseguiu bater a “Tiva” por 3 a 1. Mas, conte essa história a um apaixonado pela Desportiva, e logo aprenderá que o início da rivalidade não é somente isso. Na verdade, em 1963, houve duas partidas, e na preliminar, a Desportiva venceu.

Para Vitor Almeida, 36 anos, torcedor de carteirinha da Desportiva, o que conta mesmo é a decisão de 1965. “Infelizmente não era nascido, mas o meu pai, de quem eu herdei a paixão, conta que o

Fotos: <http://ferroviariaes.blogspot.com.br>



Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br

Branção

torcedor capixaba

jogo foi emocionante e, claro, a Tiva venceu com um lindo gol de Cunha”, diz.

De 1965 em diante, o clássico, a cada jogo cada vez mais acalorado, ajudava a aumentar a rivalidade. Para Thiago Fontes, torcedor e ex-jogador do Rio Branco, o ano de 1985 é considerado inesquecível. “Eu tenho 40 anos. Imagina o que não passou pela minha cabeça. Eu só tinha 11 anos e vi a final contra a Desportiva. Aliás, a última decisão de um título estadual entre as equipes. O jogo terminou empatado, mas o Rio Branco tinha a vantagem e conseguiu o título”, relata, emocionado.

Entre rivalidades e história, os dois times são motivo de orgulho para o Espírito Santo. Participantes do Campeonato Brasileiro, as equipes se enfrentaram quatro vezes na competição nacional, em 1976 e 1978, e o time grená tem o maior número de vitórias: 2x1.

O Rio Branco ainda detém duas proezas: já foi treinado pelo técnico Vanderlei Luxemburgo no co-

meço de sua carreira, quando ainda nem sabia que um dia seria treinador da Seleção Brasileira e do Real Madri (ESP). Outra foi conseguir vencer, naquele que é até hoje o maior público pagante em um jogo no

Espírito Santo, o Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. Entre rivalidade, casos e história, predomina a certeza que a “Tiva” e o “Branção” são patrimônios do torcedor capixaba. ■



CAPA



De Fontana a Maxwell, o legado ca

Se não foi dessa vez que o Brasil ganhou mais uma Copa do Mundo e a Seleção Brasileira ainda terá de treinar muito para 2018, a boa notícia é que, mais uma vez poderemos ter um capixaba disputando a competição em busca do hexacampeonato. É o lateral-esquerdo Maxwell Scherrer Cabelino Andrade, que este ano, após 16 anos sem ninguém do Espírito Santo jogar em Mundiais, foi o reserva de Marcelo. Jogador do PSG da França, Maxwell tem grandes chances de

ser o próximo titular da Seleção.

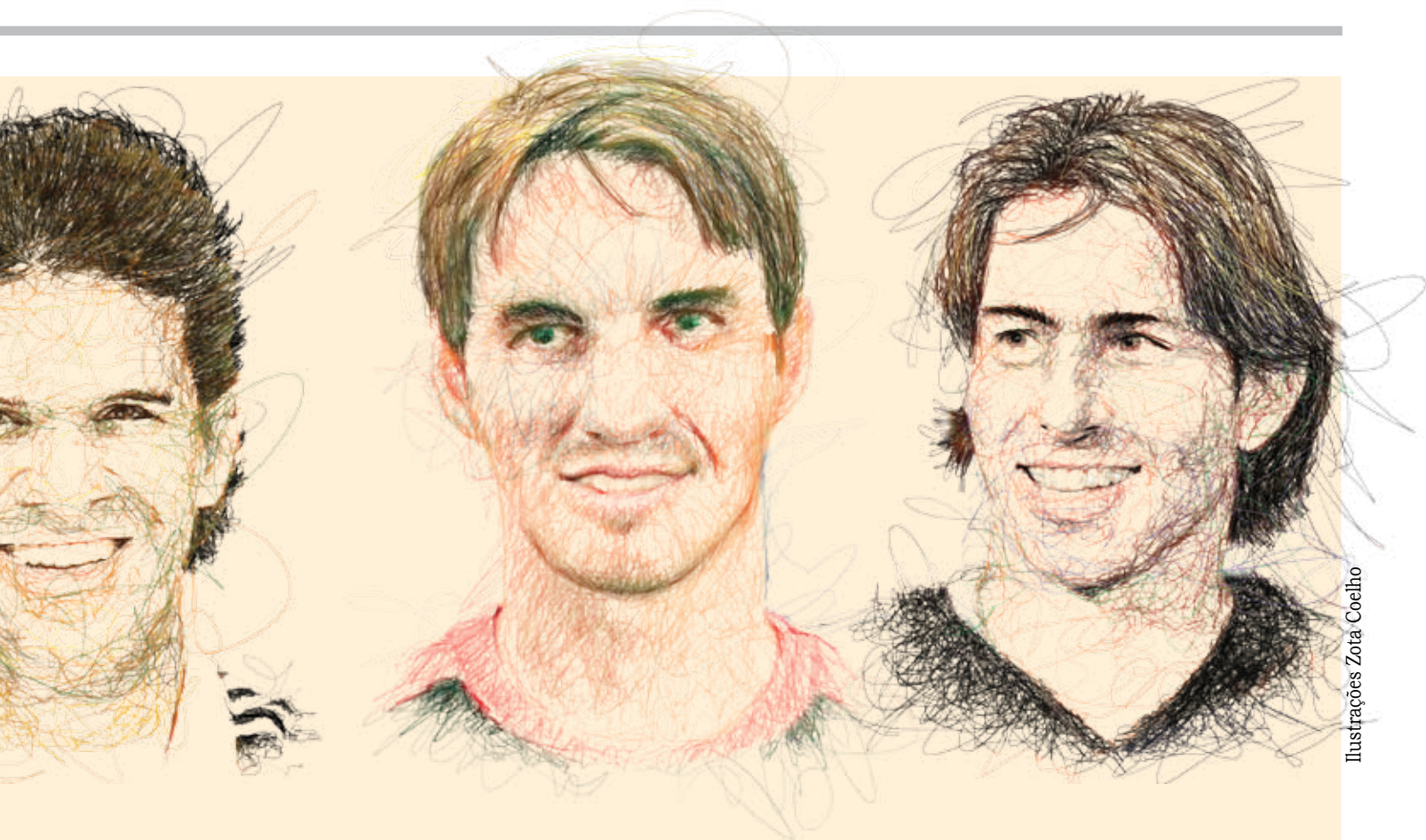
Nascido em Cachoeiro de Itapemirim, região Sul do Estado, o menino loirinho, filho de Paulina Scherrer e José de Andrade, cresceu, mudou-se para o exterior e tentou, após o início no Cruzeiro: Ajax, Internazionale de Milão, Barcelona, e PSG...

O sonho do menino virou realidade e Maxwell leva adiante nossa história - não foram poucos os craques da terra da moqueca que fundiram o verde e amarelo brasileiros com o rosa, branco e

azul do nosso estado.

Carlos Germano, nascido aos 14 dias de agosto de 1970, em Domingos Martins, brilhou nacionalmente ao carregar uma cruz no peito. O gigante de 1,92m fez milagres no gol do Vasco da Gama. Graças à regularidade na meta vascaína, o goleiro foi presença constante nas convocações em categoria da seleção de base. O título Sul-americano do sub-20 em 1988 e o título da Copa América de 97 serviram para a convocação à

Gilberto Medeiros
gilberto_medeiros@yahoo.com.br



Ilustrações Zota Coelho

capixaba em Mundiais e Olimpíadas

seleção principal, em 1998.

Na reserva, o arqueiro capixaba esperou a oportunidade de atender o desejo de uma nação: ser campeão do mundo. O título não veio, ao invés dele, o doloroso segundo lugar para a França de Zinedine Zidane e o grito de campeão com gosto capixaba continuou adormecido.

Diferente de 1970, quando José de Anchieta Fontana, o zagueiro com nome de padre que futuramente viraria santo, fez a Itália se arrepender de todos os peca-

dos. Ao lado de Pelé e companhia, Fontana fez o estádio Azteca, no México, ser um pouco capixaba.

Entre tantas estrelas locais que brilharam nacionalmente, o “Pequeno Príncipe” reluz como ouro. Giovani Silva, que apesar de não ter disputado uma Copa do Mundo, possui um currículo de peso quando o assunto é seleção brasileira.

“Eu participei de todas as categorias da seleção brasileira. Fui vice-campeão olímpico e nada mais nada menos do que capitão

de um time que tinha Romário, Ronaldo e Bebeto, em 1988. Me sinto um homem de muita sorte”, diz, orgulhoso, apesar de não ter disputado uma Copa do Mundo.

Outro craque a envergar a camisa canarinho em uma Olimpíada foi Sávio Bortolini Pimentel, que saiu de Vila Velha e brilhou no Flamengo, Bourdeaux (FRA) e Real Madrid (ESP). O canela-verde ganhou medalha de Bronze em Atlanta (1996), jogando ao lado de Ronaldo, Rivaldo e Roberto Carlos, que seriam pentacampeões mundiais em 2002. ■

MÚSICA CLÁSSICA

Uma Sinfonia para **An**

Era uma vez, uma época em que nos grandes acontecimentos cívicos, históricos ou religiosos os artistas em voga participavam com criação de novas obras relacionadas ao tema, seja na música, nas artes plásticas, em publicações literárias, revisões históricas, exposições culturais, deixando um marco daquele acontecimento.

Os preparativos para a comemoração do Quarto Centenário da Cidade de São Paulo, em 1954, incluía tudo isso, além das festividades oficiais. Incluiu também a encomenda de uma nova composição a Heitor Villa-Lobos.

Villa-Lobos atendeu com uma composição realmente monumental: a Sinfonia no. 10, Sumé Pater Patrium ou Sinfonia Ameríndia, dedicada e baseada em José de Anchieta, fundador de São Paulo.

Monumental sob todos os aspectos. Dura 70 minutos, escrita para Orquestra, Coro Misto, 3 solistas masculinos e percussão aumentada, que inclui 2 cuícas, reco-recos, 2 cocos, tamborim, pandeiro, pios de pássaros, além dos regulares, exigindo cerca de

200 músicos e cantores no palco. Monumental na escrita, com uma polirritmia complexa com blocos sonoros diferentes tocados simultaneamente, gerando uma massa sonora realmente chocante.

O plano da obra é que mostra, de maneira mais clara, a genialidade do compositor. São cinco movimentos. O primeiro, A Terra e suas Criaturas mostra a selvageria e a força da natureza. O segundo, Grito de Guerra, paradoxalmente ao título, é o movimento lento que lamenta as mortes ocorridas nas várias etapas da colonização. O terceiro, Scherzo é cantado em tupi, fala dos micos e dos pássaros e da necessidade de construir cidades.

O quarto, que dura 30 minutos, é o ponto principal da obra, onde finalmente entra José de Anchieta, usando seu Poema da Virgem, escrito nas areias das praias de Anchieta. Mistura 3 estilos musicais diferentes, com textos em tupi, com música sícopada índia, em latim, com a música imitando cânticos católicos e em português, mais lírico, tudo tocado simultaneamente, sobre uma base percussiva negra, além de passa-



José Carlos Saleme
é médico e estudioso
da obra de Villa-Lobos

José Carlos Saleme
jcsaleme@uol.com.br

Anchieta

rinhos, sons da natureza, ritmos de danças etc.

O quinto e último Glória ao Céu e Paz na Terra é um vibrante hino de celebração da fundação da cidade, entrecortado por Aleluias.

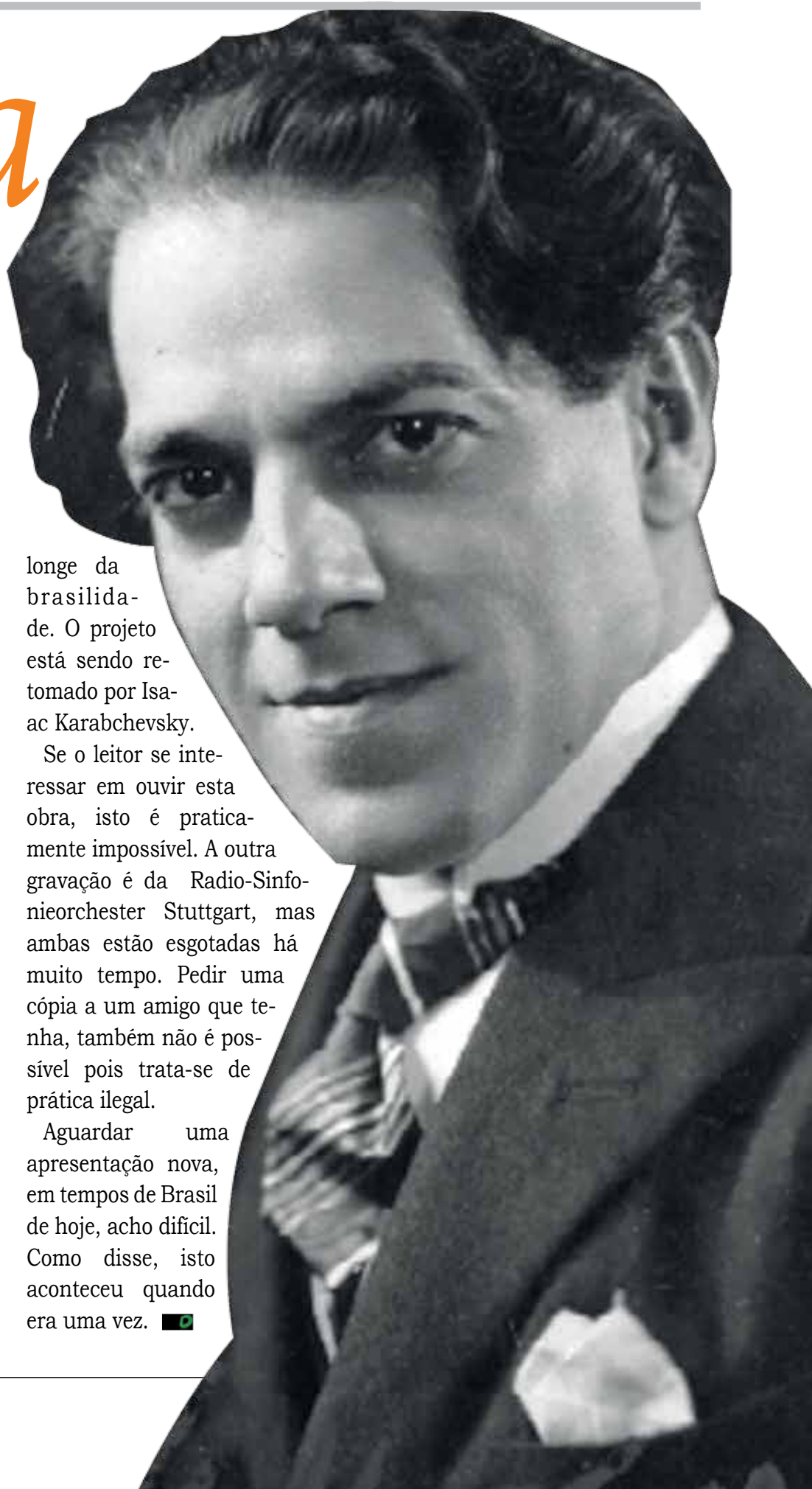
O título teve que ser mudado pois foi fruto de um deslize histórico de Villa-Lobos, que confundiu Sumé, personagem que os índios pré-descobrimento reverenciavam como Deus, com Anchieta, pai da pátria. Foi mudado para Sinfonia Ameríndia, que também não significa grande coisa.

Embora estivesse terminada em 1952, por algum motivo não pode ser apresentada durante o Centenário. Estreou em Paris em abril de 1957 e só chegou a São Paulo em novembro do mesmo ano. Nunca mais foi tocada. Mas Tenerife, cidade natal de Anchieta, é que honrou seu filho com a primeira gravação desta sinfonia. O projeto da Orquestra Sinfônica Estadual de São Paulo em gravar as 12 sinfonias de Villa-Lobos, depois de gravar todos os Choros e Bachianas, foi interrompido pela demissão do Maestro John Neshling, substituído por uma Maestrina americana, muito

longe da brasilidade. O projeto está sendo retomado por Isaac Karabchevsky.

Se o leitor se interessar em ouvir esta obra, isto é praticamente impossível. A outra gravação é da Radio-Sinfonieorchester Stuttgart, mas ambas estão esgotadas há muito tempo. Pedir uma cópia a um amigo que tenha, também não é possível pois trata-se de prática ilegal.

Aguardar uma apresentação nova, em tempos de Brasil de hoje, acho difícil. Como disse, isto aconteceu quando era uma vez. ■



MINHA ESTANTE / MARILENA SONEGHETI

O hábito e o prazer da *le*

Como toda criança curiosa, folhear livros, admirar as figuras e olhar com respeito o ‘mistério’ das letras tornou-se um hábito para a menininha que um dia faria delas seu ofício. Mesmo antes de decifrar a escrita com a ajuda da primeira professora, a Irmã Catarina, no colégio do Carmo, Marilena Sonegheti sabia que seria a partir desse mundo simbólico que iria construir grande parte de sua vida.

“Após ‘iniciada’, não parei mais; tornei-me para sempre uma leitora voraz.

Meu pai tinha uma grande biblioteca. Todos em nossa casa liam muito. Era comum, após o jantar, permanecermos em nossa aprazível varanda, a comentar autores e livros. As observações de meu pai foram uma verdadeira escola”, recordou o ambiente que lhe proporcionou a convivência com a literatura.

Ainda menina devorava os livros de Monteiro Lobato, mas também apreciava *O Tico-tico*, famoso gibi da época.

Marilena conta que gosta de livros realistas que revelam outros mundos e refletem a força e a fragilidade do ser humano, “seus sonhos, conflitos, frustrações e superações na trama da vida”, listou ao dizer que muitos livros a marcaram. A seguir ela destaca alguns desses títulos.

“El mundo es ancho y ajeno”, de Ciro Alegria

É um relato trágico e doloroso. Personagens inesquecíveis permeiam toda a história. É a vitória do poder e da ganância sobre uma coletividade simples que vive em harmonia, sob a tutela de sábios anciãos. Extremamente triste! Tendo vivido no Peru por três anos, marcou-me profundamente!

Madame Bovary, de Gustav Flaubert

O estilo e a habilidade de Flaubert são fantásticos. Impressionante como nos vai dando as “pistas” do que está por vir; de como Emma Bovary, pateticamente romântica, insatisfeita com a realidade provinciana vai cavando um fosso intransponível, endividando-se e enredando-se com amores vãos que só querem desfrutar de sua beleza e juventude. Uma obra prima que já reli quatro vezes.

A boa Terra, de Pearl S. Buck

Creio ter lido quase todos os livros dessa autora. Americana, filha de missionários, viveu 40 anos na China entre 1900 e 1940. Brinda-nos um panorama extraordinário da natureza do povo chinês de então, suas hierarquias familiares, sua fascinante filosofia de vida. Escolhi *A Boa Terra* (primeiro de uma trilogia) por representar o apego à terra do lavrador Wang Lung



Gilberto Medeiros
é jornalista e
blogueiro

Gilberto Medeiros

gilberto_medeiros@yahoo.com.br

itura



que com sua garra torna-se um grande proprietário. Belas personagens femininas, a um tempo fortes e delicadas dão o toque de suavidade aos livros.

Trindade, Leon Uris

O impacto dessa obra me atingiu já nas primeiras páginas. Passado no período da “grande fome”, revela uma Irlanda conturbada - sua herança Celta, suas fortes superstições e sua eterna agonia lacerada pelas lutas no Ulster.

Boêmios errantes, de John Steinbeck

Minha próxima escolha, foge totalmente dos anteriores pelo tema divertido, inusitado, e personagens inconsequentes, alegres da pequena cidade de Monterey, Califórnia. A tudo permeia um humor irônico, inteligente e muito humano, já que os personagens são inspirados por pessoas reais com quem Steinbeck convivera.

Platero e eu, de Juan Ramón Rimenez

Conta-nos da amizade do burrinho Platero e seu dono. É pura poesia. E muita nostalgia. Em Platero ele cria “um mundo à parte, nesse mundo que é o homem, que é a alma”. Parece-me que é o próprio poeta que transita com seu burrinho pela pequena Moguer, cidade quase fantasma com seu pântano vermelho e o velho cais apodrecido. ■

Foto: Arquivo de família



Pedra do Camelo
Município de Pancas/ES
Foto: Gilberto Marques Martins
gilbeira@gmail.com

